

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所
東方學研究所

«época amarniana» que devia ser período amarniano, ou a «época ramséssida» que devia ser período ramséssida (veja-se como antes já tinha aparecido correctamente período ramséssida). Conviria saber que as grandes épocas históricas se dividem por sua vez em períodos.

Na p. 117 conviria emendar algumas imprecisões na identificação de vários signos hieroglíficos: o signo *user* não é um ceptro com cabeça de chacal mas de canídeo, *netjer* é um estandarte e não uma haste envolta em tecido, o signo *setep* não é um machado sobre um cepo mas sim uma enxó de carpintaria. Nas p. 118-119 vem um quadro com os nomes dos reis egípcios em hieróglifos com a tradução de alguns deles na forma grega. É de facto aceitável optar pelos nomes dos faraós na versão grega, mas quando, como é o aqui o caso, se pretende dar a leitura de inscrições hieroglíficas deve facultar-se ao leitor a forma egípcia correspondente ao que está escrito em egípcio.

Luís Manuel de Araújo

AUDE GROS DE BELER, *A Mitologia Egípcia*, Lisboa, Centralivros — Gama Editora, 2001, 134 pp., ISBN 972-791-031-9

Este volume muito bem ilustrado e dedicado a sugestivo tema relacionado com o pensamento religioso do antigo Egipto, apresentamos, por ordem alfabética, os principais deuses do antigo Egipto. Regra geral a organização gráfica dispensou duas páginas a cada divindade e a maioria tem belas imagens que as identificam, sendo a maior parte delas reproduções de objectos da colecção egípcia do Museu do Louvre.

Depois do prefácio de Aly Maher El-Sahed, embaixador do Egipto em França (p. 9), abre logo com Amon, deus que começou por ser venerado em Tebas, considerado nos tempos áureos do Império Novo como o «rei dos deuses» (pp. 12-13); Anúbis (pp. 14-17), Anupu para os Egípcios, é representado com cabeça de canídeo e não como chacal — de resto, os Gregos perceberam bem a situação ao designarem a cidade de Anúbis por Cinópolis (Cidade do Cão); Ápis (pp. 18-19) o touro sagrado de Ptah; Apopis (pp. 20-21), a serpente que procura impedir a viagem nocturna de Ré; Aton (pp. 22-23), o disco solar que estende o signo da vida (e não a «cruz da vida»!) para Akhenaton e sua família na heresia amarniana; Atum (pp. 24-25) é o grande criador na Enéade de Heliópolis, aqui recordada num quadro que inclui também Hórus, o Antigo, e Hórus, o Jovem — convinha

neste caso informar o leitor que se trata de uma das versões da Enéade (além de que é mais comum apresentar Tefnut como a humidade em vez de «o calor»).

A letra B começa com a simpática deusa Bastet (pp. 26-27), cujo principal centro de culto era Bubástis, no Delta, e que inclui um parágrafo que não condiz com a deusa em particular pois trata das deusas ligadas ao Sol em geral (e ainda por cima o exemplo que dá refere-se à deusa Maet); segue-se Bés (pp. 28-29), divindade benfazeja protectora do lar. Salta-se depois para Geb (pp. 30- 32), personificação da terra, irmão e esposo de Nut, e que «simboliza as riquezas contidas no solo».

A letra H está bem recheada com Hapi (pp. 32-33), o génio do Nilo, representado por uma figura andrógina que corporiza a inundação benfazeja do grande rio; Harmakhis (p. 34), forma grega do egípcio Horemakhet, divindade solar que tinha como principal local de culto o planalto de Guiza, sendo a sua representação por excelência a Grande Esfinge; Haroéris (pp. 34-36), forma grega do egípcio Horuer, ou Hórus, o Grande (pode também ser interpretado como Hórus, o Antigo); Harpocrates (pp. 36-37), forma grega do egípcio Horpakhered, ou Hórus Criança, uma das várias encarnações de Hórus; Hathor (pp. 38-41), deusa do amor, erotismo, alegria, fecundidade, protectora da mulher e da mãe e protectora da necrópole tebana, entre outros atributos, especialmente venerada em Dendera; Horakhti (pp. 42-43), o disco solar em todo o seu brilho do zénite, tendo como principal zona de culto Heliópolis; Hórus (pp. 44-48), o protector da realeza, filho de Osiris e Ísis; Hurun (p. 47) com uma ilustração correspondente que não é sobre Hurun mas sobre Hemen, uma divindade falcónida pouco conhecida (para Hurun havia uma magnífica imagem de Ramsés II protegido por esta divindade que está no Museu Egípcio do Cairo).

Segue-se a famosa Ísis (pp. 48-50), a grande mágica, esposa e irmã de Osiris, com múltiplas funções; depois vem Khepri (pp. 50), o deus solar na alvorada; Khnum (pp. 52-53), deus de Elefantina e de outros locais (mas melhor que «o carneiro Khnum» ficaria «o carneiro de Khnum»); Khonsu (pp. 54-55), jovem deus lunar; Maet (p. 58) com um texto demasiado magro para a importância da divindade e do conceito que a ela se liga; Min (pp. 58-59), deus da fecundidade e da potência sexual; Montu (pp. 60-61), deus guerreiro, especialmente venerado na região tebana; Mut (pp. 60-62), a mãe divina, esposa de Amon; Nefertum (pp. 62-63), o deus jovem evocando o lótus primordial; Neit (pp. 64), deusa caçadora de Sais e de Esna; Nekhbet (pp. 66-67), deusa abutre protectora do Alto Egipto (a p. 66 inclui um quadro

evocando a dualidade no Egípto); Néftis (p. 70, que também insere um quadro sobre «a protecção dos vasos canópicos do defunto»), irmã de Ísis, com conotações de protectora funerária; Nun (p. 71), o oceano primordial antes da criação; Nut (pp. 72-73), deusa que personifica o céu.

Osiris (pp. 74-76) é o muito solicitado deus dos mortos e patrono da agricultura, esposo e irmão de Ísis; segue-se Uadjit (p. 76) colocada fora do sítio alfabético (a causa reside na passagem da forma francesa Oudjít para a forma portuguesa, o que foi bem feito, só que devia ser remetida para a sua posição na letra U); Ptah (pp. 78-79), o deus criador de Mênfis, patrono dos artesãos; os Quatro Filhos de Hórus (p. 82), isto é, Imseti, Hapi, Duamutef e Kebhsenuf, protectores das vísceras dos defuntos; Ré (pp. 83-85), o grande deus solar, cultuado especialmente em Heliópolis.

A letra S inclui Satis (p. 85), ou Satet em egípcio, esposa de Khnum, guardiã das fontes do Nilo; Sekhmet (pp. 86-87), corporizada na leoa e fazendo parte da tríade menfita com Ptah e Nefertum, que aniquila os inimigos de Ré (a p. 86 mostra um quadro com «as tríades divinas»); Selkis (pp. 88-89) ou Serket, deusa escorpião e curandeira mágica (a p. 88 insere um quadro com «o bestiário egípcio»); Serápis (pp. 90-91), criado no início da dinastia ptolemaica, com iconografia helénica (a p. 90 apresenta um quadro que mostra a «correspondência entre as mitologias egípcia e grega»); Sechat (pp. 92-93), a deusa secretária de Tot, ligada à escrita; o malvado e caviloso Set (pp. 94-95) que foi em determinadas épocas venerado, com facetas contraditórias; o deus Chu aparece depois nas pp. 96-99, quando ele devia estar na letra C (o lapso deve-se ao facto de se ter passado, e muito bem, a forma Shu para Chu, só que devia ter sido deslocado para o respectivo sítio); Sobek (pp. 100-101), venerado principalmente no Faium e em Kom Ombo, senhor das águas nilóticas; Sokaris (p. 100), a divindade funerária de Mênfis; Sothis (pp. 102-103), deusa estelar relacionada com o aparecimento da inundaçãõ do Nilo.

A lista remata com Tatenen (p. 104), identificado com o montículo primordial de terra que emergiu do Nun; Tefnut (p. 105) personificação da humidade, formando par com Chu na Enéade de Heliópolis; Tot (pp. 106-110), deus letrado inventor da escrita, protector dos escribas, cultuado em Hermópolis; e enfim, Tuéris (pp. 110-111), grafada aqui como Thueris, correspondente ao egípcio Taueret, zelando particularmente pelas grávidas e protegendo o lar.

A obra vai terminar com um núcleo de Anexos que incluem um mapa dos centros religiosos do Vale do Nilo (p. 113), a iconografia e

representação de alguns deuses (pp. 114-115) e algumas deusas (pp. 116-117), os amuletos, ceptros e coroas (pp. 118-119), um léxico das divindades (pp. 120-121), um pequeno léxico (pp. 122-123), a cronologia clássica do antigo Egipto (pp. 124-125; embora aqui a segunda fase de domínio persa se apresente como a «XXXI dinastia», o que não é consensual) e quadros com vários signos hieroglíficos (pp. 126-128). Segue-se a Bibliografia (pp. 130-131) e o índice remissivo (pp. 132-133), a rematar um bem conseguido e bem ilustrado volume que beneficiou, no essencial, da tradução segura de Teresa Cúrvolo.

Algumas ligeiras anomalias detectam-se na falta de acentuação em Haroéris (p. 34), Harpocrates (pp. 36 e 38), Néftis (p. 116) Tuéris (p. 110) e Mnévis (p. 121). A forma maltratada de Hierakompélis que aparece na p. 38 devia ser Hieracômpolis. Na p. 12 o funcionário Maatmeri surge como Maetmeri (no princípio das formas onomásticas Maet passa a Maat — confrontar com a passagem de Ré a Ra no início dos nomes compostos), e em vez do nome do faraó Amenehmat III quando se alude ao chamado «tesouro de Tod» (p. 60) devia estar Amenemhat II.

Esclareça-se que ceptro *uase* é a prosperidade mais do que «o divino» (p. 12), e a tradução da expressão «Livro dos Mortos» não é «Fórmulas para libertar o dia», como vem na p. 20, mas sim «Capítulos para sair à luz do dia» (do egípcio *rau nu peret em heru: r3w nw prt m hn/v*). Melhor que a ambígua «povoação de Gizé» ficaria a zona de Guiza (p. 47), seria mais correcto apresentar Satis e Anukis (ou Satet e Anuket) como companheiras de Khnum (trata-se de duas deusas, respectivamente esposa e filha) e não como «os seus dois companheiros» (p. 32) e ficaria talvez mais claro se em vez de «vasos canópicos» (p. 72) se aludisse aos vasos de vísceras. Diz o texto, na p. 94, que Hathor, para seduzir o deus Ré, levantou a saia mostrando-lhe «as roupas interiores» — ora não está demonstrado que as deusas egípcias usassem cuecas! De facto, a versão egípcia mais conhecida desta cena diz que a deusa do amor e da alegria mostrou ao deus solar «todos os seus encantos».

Registe-se ainda que Duat é feminino (p. 20) e aqui vem «o Duat»; o cargo de sumo sacerdote não tem necessidade de ser grafado em caixa alta, tal como faraó (p. 22 e outras); pelo contrário, Enéade (os nove deuses de Heliópolis) deveria vir em caixa alta e tal não sucede na p. 96; as palavras egípcias devem ser em itálico, como *ankh* (p. 22 e outras), *benben* (p. 25), *kheperu* (p. 24), *ka* (p. 52), *udjat* (p. 66); e os nomes dos papiros devem também vir em itálico (o *Papiro Rhind*, por exemplo).

Poderá questionar-se a falta, nesta listagem, de divindades como Renenutet, Opet, Heket, Anuket (Anukis), e o leitor mais ávido de saber procurará, em vão, deuses como Anhur (Onuris), Herichef e Anti, entre outros, até porque se apresentam alguns deuses secundários como Hurun ou Satis. Talvez tenha faltado uma introdução sobre a mitologia antes de se entrar na apresentação dos deuses, dado que assim se ligava de forma mais expressiva ao título da obra.

Luís Manuel de Araújo

AUDE GROS DE BELER, *Maravilhas do Egípto*, Lisboa, Centralivros — Gama Editora, 2001, 126 pp., ISBN 972-791-029-7

Propõe-se este volume, ricamente ilustrado, apresentar as maravilhas do Egípto, consideradas aqui como sendo os grandes monumentos que a civilização egípcia nos legou. Por isso as imagens que enchem as suas páginas reproduzem templos e túmulos e ainda estatuária e diversos materiais fotografados no Museu Egípcio do Cairo e no British Museum de Londres.

Abre com a Cronologia (pp. 10-11), segue-se Cosmogonias, onde se apresentam a grande Enéade de Heliópolis e a Ogdóade de Hermópolis (p. 12), e uma breve lista dos deuses egípcios (p. 12). Vem depois o nascimento do Egípto (pp. 14-21), o Império Antigo (pp. 22-33), com os construtores de pirâmides e os faraós como filhos de Ré. O Primeiro Período Intermediário (pp. 34-41) fecha o capítulo.

Segue-se o Império Médio (pp. 42-53), sendo recordados os seus inícios com a acção reunificadora de Mentuhotep II, que antecede o apogeu com a XII dinastia até ao colapso desta, que dá lugar ao Segundo Período Intermediário (pp. 54-55) marcado pela pulverização do poder e pelo domínio dos Hicsos.

Depois é a glória do Império Novo: a conquista (pp. 56-85), onde são evocadas algumas figuras dessa época, como Amósis, o libertador (Ahmés), Amenófis I (Amen-hotep I), Tutmósis I, o conquistador (Tutmés I), a rainha Hatchepsut, o ilustre Tutmósis III, Amenófis II, o implacável, o pacífico Tutmósis IV e Amenófis III, o diplomata. Segue-se o interlúdio amarniano (pp. 86-97), que tem como protagonistas principais Akhenaton e Nefertiti, Tutankhamon, Ai e Horemheb, passando-se depois para os Ramsés e a Época Baixa (pp. 98-123), quando afinal, e seguindo o esquema da divisão por grandes épocas históricas, se deveria ter reservado um capítulo próprio para a Época